

Nós e o Mundo

MAURA DE SENNA PEREIRA

CENTENÁRIO DE HERMANN HESSE

Em 26 de agosto de 82, escrevia eu nesta coluna um comentário que assim começava: «Em Montagnola, na Suíça, onde havia muito se isolara, morreu Hermann Hesse. Autor de uma das mais impressionantes obras literárias de sua pátria alemã e de todos os tempos, Hesse alcançou a celebridade principalmente com seu estopendo «O Lobo da Estepe». Li-o há quase vinte anos, quando vim morar no Rio — pouco antes de Hesse conquistar o Prêmio Nobel de Literatura, o que ocorreu em 1946 — e todo um grupo de jovens amigos intelectuais comigo se deixou fascinar pelas belas páginas eternas. E aquele «só para os raros» se tornou mesmo uma divisa, a qual sonhamos colocar um dia no pórtico de nossas casas. (Éramos quase todos repórteres, chegados da província e morávamos em pensão).

Volto, hoje, ao assunto para ser uma das vozes a lembrar que, no dia 2 deste mês de julho, em 1877, nasceu em Calw, pequena cidade de Wurtemberg, Hermann Hesse, hoje o mais lido e talvez o mais amado escritor alemão deste século. Pensei em homenagear o centenário de seu nascimento com a apresentação de duas traduções do mago de «O Jogo das Contas de Vidro»: uma em prosa, outra em poesia. A primeira, feita especialmente para esta coluna, é de autoria de um erudito, possivelmente o brasileiro que mais conhece a língua e a literatura alemã: o Dr. Eno Stein Ferreira. Eis o adeus a Thomas Mann que Hesse escreveu um dia após a morte do amigo (13-5-53) e que publicou em «Neue Zürcher Zeitung», jornal de Zurique, a 16 do mesmo mês e ano:

«Com profunda tristeza me despeço de Thomas Mann, do querido amigo e grande colega, do mestre da prosa alemã, do mal avaliado, apesar de todas as honras e sucessos. O que havia sobre a sua ironia e o seu virtuosismo, de cordialidade, responsabilidade e capacidade de amar, permaneceu incompreendido, por dezenas de anos, pelo grande público alemão. Sua obra e sua lembrança sobreviverão para muito além dos nossos dias perturbados».

A outra tradução é da lavra do professor e poeta Almeida Cousin, publicada no Anuário de Poetas do Brasil (1976) e feita diretamente do original alemão «In Nebel». Eis o belíssimo poema:

«Vagar entre as névoas — oh! A muita, a pedra é sozinha/Não vê a arvore a vizinha/E cada um está só./Amável era o mundo, lindo/Quando esta vida em luz solar./Agora, a névoa cai-do./Nada vejo ressaltar./Não é sábio quem, contudo,/Não sonda as trevas também./Onde se detém./Na névoa os errantes some(m)/Vida é ser sozinho — oh!/O homem não sabe o outro homem./E cada um é só».

LANÇAMENTO — A Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, a Assembléia Legislativa e a Associação de Poupança e empréstimo de Santa Catarina convidaram para o lançamento do livro «Análise Sistemática de Partidos Políticos», de autoria do professor Alcides Abreu, realizado a 12 do corrente, no Salão de Recepção do Palácio Barriga-Verde, em Florianópolis.

DOMINGO, 17 e 2ª-FEIRA, 18/7/1977

GAZETA
de notícias

que
azem
os
nília,
u me
onci-
seu
Rádio
Po-
me
poder
um
Alfás,
rou-
meti

custo para eu o conseguir, por-
que havia tanta gente para
você atender! E o pessoal não
identificava quem era eu. En-
tão, eu consegui chegar ao pal-
co graças a Raul Longras, que
disse: «Este é um cantor con-
vidado, que veio cantar aqui».
E eu fiquei muito satisfeito
porque cantei no seu progra-
ma, Zarur. Foi um sucesso trem-
tendo, foi aquela beleza de
programa em que eu tive a hon-
ra de homenagear você, Zarur.
Meus parabéns pelo seu Jubi-
leu de Ouro!

o Marquez

Cantor



que
pací-
fácil
brar

*suas preleções inesquecíveis nas
antigas programações da Rádio
Mundial, onde ensinou que o
Cristo disse: «Onde estiverem
duas ou mais pessoas reunidas
em meu nome, aí estarei.» Inú-
meros doentes do corpo e do
Espírito eram curados, lares
reconciliados, simplesmente
através da concentração em
massa e do copo d'água daque-
les que, naquele momento e até
hoje, se unem. Pra frente, Za-
rur! Louvo sempre a Campa-
nha da Boa Vontade, pois de-
remos começar em nossa casa,
no seio da nossa família. Meus
parabéns, Zarur, pelos seus
33.000 programas de fraterni-
dade real, de amor e de fé, pa-
ra todos os nossos amigos que
o ouvem.*

Comediante



— Meu Irmão Zarur, para-
bêns! Com sua voz suave e
meiga, trouxe para muitos que
estavam extraviados — confor-
to, carinho e compreensão. Isso
serviu, também, para este
seu amigo Pato Preto que com
os seus ensinamentos através
das emissoras em que os trans-
mite, renovaram minha alma.
Hoje, se sou o que sou, agradeço
ao seu Programa e aos
seus conselhos. Sou aquele ir-
mão de Nova Iguaçu, do «Lar
de Jesus» de Leopoldo Macha-
do. Até meu alto grau da Ma-
çonaria eu agradeço a você. E
mando aqui um aviso para os
ouvintes que ainda não têm um
pouco de compreensão: escu-
tem este Programa! Escutem
o nosso Zarur, e vocês irão
aprender muito, para vencer na
vida!